

Lamaison diz na

Câmara que GDF

não tem dinheiro

O Governador do Distrito Federal, Aimé Lamaison, disse ontem, na Comissão do Interior da Câmara dos Deputados, que o Governo do DF não tem dinheiro, lembrando que, para atender em parte, às reivindicações dos estudantes de Medicina em greve, "a Fundação Hospitalar teve que sacrificar outros setores". Sobre a almejada representação política do DF, Lamaison declarou-se um governante administrativo e não político, mas lembrou que "este assunto está nas mãos dos deputados, Senadores e do Presidente da República e qualquer decisão será recebida com alegria e democraticamente".

A convite do deputado Albérico Cordeiro, o Governador esteve na Câmara dos Deputados, acompanhado de todo seu Secretariado e, após uma longa exposição sobre os problemas de seu Governo, debateu algumas questões com os poucos parlamentares que estiveram presentes. Este fato levou o deputado José Carlos Vasconcelos a assinalar que "aqui, no momento, não temos nem um por cento da casa e nenhum Senador, refletindo bem a necessidade da representação política para Brasília".

Na opinião do parlamentar, "o Distrito Federal poderia ter hoje 22 deputados e três Senadores, possibilitando melhores canais de representação e facilidade na discussão dos problemas". Concluindo, disse que "qualquer Governo no DF tende a se isolar, ainda que tenha boas intenções".

DESEMPREGO

Indagado sobre as anunciadas demissões em massa do setor da construção civil, ante as reformulações do Governo no que tange a novas obras, Aimé Lamaison descartou esta possibilidade. Informou que, no último encontro que teve com empresários da área, pôde desfazer a imagem de que o Governo teria qualquer responsabilidade na movimentação ora verificada. Neste encontro, segundo o Governador, os empresários ouviram que "consideramos Brasília consolidada e que deveriam procurar obras particulares, porque não temos mais grandes obras a realizar".

Descartando a hipótese de desemprego e caos social, Aimé Lamaison adiantou que haverá um grande esforço na área geoeconômica do DF "onde temos grandes planos". Para o Governador, "esta é a solução, porque quem vai realizar isso são as firmas e os operários". Para Brasília, o Governador ainda divisa um bom mercado para a construção civil "porque aqui faremos ainda redes de esgoto, calçamento, asfalto, etc... deixando de lado apenas as construções de edifícios e palácios sem necessidade imediata".

ESTUDANTES

O deputado Albérico Cordeiro, que fez parte da mesa, juntamente com os deputados Edison Lobão e Adauto Bezerra, disse ao Governador que uma comissão de sextanistas de Medicina (internos) havia lamentado ter podido se encontrar com vários membros da cúpula federal enquanto o Governador do DF não os recebia. Lamaison informou que "os estudantes que estiveram conosco formaram-se em julho último, graças ao sacrifício de nosso tesouro, cuja situação não é boa".

Com auxílio de seu Secretário de Saúde, Jofran Frejat, o Governador expôs que "fomos sinceros e colocamos toda a situação para eles, inclusive o fato de a maioria ter convênio com suas universidades de origem e que a Fundação Hospitalar do DF não deveria ter nenhuma despesa e sim estas universidades". Segundo o Governador, a Secretaria do Planejamento estaria disposta a pagar os internos até 1980, já que o Ministério da Educação, diretamente envolvido no caso, não tem recursos.

PLANO

Lamaison admitiu que "o desequilíbrio sócio-econômico entre o Distrito Federal e os municípios da região em torno causou um esvaziamento da periferia em favor do centro, fenômeno esse que vem colidindo com os propósitos que ditaram a fundação da Capital Federal". Para corrigir esta situação, "será prestado decisivo apoio ao desenvolvimento da região geoeconômica, num esforço articulado com os governos da União, Estados e Municípios da zona de influência de Brasília", acrescentou.

Previu também que "a estrutura da administração será revista, corrigidas deformações

na organização administrativa do DF e definida uma política de pessoal mais adequada". Para Lamaison, estas deformações "afetam o próprio desempenho e eficiência da administração". Como causa dessa situação, o Governador apontou o funcionalismo "artificialmente aumentado e, talvez por isso mesmo, mal-remunerado e com o acesso na carreira dificultado".

Outra causa apontada por Lamaison para os problemas de Brasília é o fluxo migratório, que "supera em muito a previsão original (quinhentos mil habitantes)". Em consequência, oficial conta com 375 unidades escolares, com 4.103 salas de aula, para atender a uma matrícula inicial de 284.510 alunos". Outro exemplo citado pelo Governador foi o da Ceilândia, "onde foram recebidas, no corrente ano, 319 salas em 21 escolas no Setor - P - Norte e serão construídas mais 20 na Guariroba, como resultado da pressão migratória sobre os equipamentos educacionais". Para o Governador, "o sistema de transportes coletivos é um dos elementos onde mais se fazem sentir estas pressões".

Para a implantação e melhoria dos serviços de transportes coletivos "buscarei recursos oriundos do Governo Federal através do Ministério dos Transportes, por intermédio da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos". Segundo o Governador do DF, para que se efetive uma melhoria acentuada neste setor muita coisa terá que ser feita, lembrando o fato de "as cidades-satélites apresentarem, ainda, uma série de deficiências em sua infra-estrutura urbana, principalmente no que diz respeito à pavimentação de ruas, assentamento de galerias pluviais e ajardinamento".

ATENÇÕES

Sobre a questão do aumento da criminalidade, Lamaison, endossado por seu Secretário de Segurança, coronel Paulo Azambuja, assegurou que "Brasília é uma das cidades mais tranquilas para se morar em todo o mundo". O Governador chegou a dar como exemplo o fato de "no Lago, as casas ficarem com as portas e janelas abertas e o índice de roubos ser mínimo". Disse que "nunca estamos satisfeitos com problemas de segurança em Brasília, mas estamos em melhor situação que muitas cidades do país". Adiantou que "precisamos de recursos materiais para melhor preparar nossos recursos humanos, criar novas delegacias, porque, enquanto houver um homicídio não estaremos satisfeitos", concordando com o Secretário de Segurança, coronel Azambuja.

O governador manifestou sua preocupação com o problema da saúde em todo o Distrito Federal, informando que deseja "implantar, neste setor, uma estrutura condizente, em quantidade e qualidade, com a realidade sócio-econômica da Capital da República". Reafirmou, no entanto, "ser necessário admitir-se que, uma cidade planejada e com destinação específica, como é Brasília, não está compelida a abrigar a todos que a ela demandam em busca de oportunidades".

No setor econômico, afirmou o Governador, "a atuação do Governo do Distrito Federal não tem sido de modo a influir diretamente, ou a participar, de maneira substancial e decisiva, na geração e oferta de postos de trabalho". Lamaison interpretou que "pela inerência e peculiaridade de Brasília, os esforços têm-se direcionado no sentido de oferecer condições de infra-estrutura e facilidades intermediárias, permitidas ao Poder Público, para que o Distrito Federal adquira uma dinâmica econômica adequada à sustentação de sua função política, e de suas características de pólo indutor ao desenvolvimento regional".

"Não se deve concluir daí", disse Lamaison, "que não existem problemas econômicos no Distrito Federal, e que eles não sejam importantes". Adiantou que "existem, e são inúmeros, estando o meu Governo atento e empenhado na revisão dos órgãos instrumentais da política econômica, não só no campo da agricultura e produção, como no das instituições complementares dessa política, quais sejam, o Banco Federal de Brasília, a SAB, a Ceasa - DF e outros".

Com relação a seu Plano de Ação Global, previsto para uma abrangência de tempo que se estenderá de 1979 a 1982, o Governador disse ser ele baseado "numa filosofia de Governo e na ação administrativa estribada em pesquisa e diagnóstico".